



Impactos da Crise Econômica em Diferentes Setores Uma análise a partir de três empresas gaúchas

Alexandra Evelísia Dal Zotto Gomes, Cláudia Cristiane da Silva Machado, Maria Taciana Kryzozun, Carina Vedooto Scheneider Coutinho

RESUMO

Diante do cenário de recessão econômica no qual o país se encontra, conhecer a forma como as empresas se portam diante do mercado, de acordo com sua área de atuação, possibilita a compreensão de quais setores a crise apresenta maior impacto. Nesse contexto, o objetivo geral deste estudo foi verificar os segmentos mais vulneráveis às oscilações econômicas, através de uma análise econômico-financeira a partir de relatórios como o balanço patrimonial e a demonstração de resultado do exercício, provenientes de relatórios de administração anuais e informações de mercado, nos períodos de 2013, 2014 e 2015. Foram analisadas três empresas gaúchas, em diferentes áreas de atuação e, para este fim utilizou-se a técnica de análise vertical e horizontal e indicadores de situação financeira (liquidez), estrutura de capital (endividamento) e situação econômica (rentabilidade). Em relação a metodologia, a pesquisa classifica-se, quanto aos procedimentos, como bibliográfica e estudo de caso. Os resultados obtidos mostram que os impactos da crise econômica se mostram maiores no setor varejista de móveis, eletrônicos e eletrodomésticos, uma vez que estes não são considerados essenciais. Já em setores como alimentação e de medicamentos a percepção da crise é menor, pois mesmo que a receita destas empresas diminua, não é uma queda comparável ao comércio varejista. Ainda, empresas que possuem operações fora do país podem ser beneficiadas pelo câmbio favorável, ou ainda, podem utilizar estas operações no exterior para equilibrar seus resultados em uma análise consolidada.

1 INTRODUÇÃO

A forma como uma empresa é vista no mercado, quanto à sua solidez e bons resultados financeiros, muitas vezes é mensurada por fatos corriqueiros, sem uma análise aprofundada de sua real situação. Muitos são os fatores que influenciam tanto a “impressão” quanto a “real condição”, dentre estes, fatores políticos, climáticos, tecnológicos, mercadológicos, etc. Assim, diagnosticar a situação de uma empresa é um processo técnico de decomposição de elementos e levantamento de dados, e a correta interpretação dos indicadores gerados pela análise possibilita ao gestor condições seguras para os processos de tomada de decisão.

As grandes transformações pelas quais a economia do país perpassa são de cunho social, político e econômico. Estas, claramente interferem no modo de vida das pessoas bem como nas operações de empresas de todos os segmentos (PINHEIRO, 2016). O desafio das empresas, segundo Medeiros e Cruz (2007), é conhecer seus clientes e em consequência seus mercados, fatores determinantes para enfrentar oscilações econômicas.

Segundo Assaf Neto (2003) a análise das demonstrações financeiras visa fundamentalmente o estudo do desempenho econômico-financeiro de uma empresa em determinado período passado, para diagnosticar sua posição atual e produzir resultados que sirvam de base para previsão de tendências futuras.

De acordo com relatórios econômico-financeiros a crise econômica atingiu todos os setores da economia. A taxa de desemprego aumentou 2% de 2014 para 2015 (IBGE, 2016) refletindo este declínio em todos os setores da economia. Diante de um cenário de recessão, que exige dos gestores decisões rápidas e assertivas, avaliar uma empresa é uma ferramenta



que permite compreender o reflexo da recessão sobre o mercado consumidor, uma vez que consiste num exame minucioso dos dados financeiros disponíveis sobre a empresa, bem como das condições internas e externas que a afetam financeiramente (SILVA, 2001).

Para este estudo, será utilizada a pesquisa bibliográfica e o estudo de caso como procedimentos metodológicos. A aplicação se dará em três empresas de segmentos distintos do estado do Rio Grande do Sul a fim de compreender através de sua liquidez, endividamento e rentabilidade, em quais setores da economia a crise econômica teve os impactos mais perceptíveis nos anos de 2013, 2014 e 2015, gerando um diagnóstico que poderá auxiliar em estudos futuros.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

A crise econômica, que também pode ser denominada de recessão, é caracterizada pelos economistas como a redução do Produto Interno Bruto (PIB) por, pelo menos, dois trimestres consecutivos (NOGUEIRA, 2011). Nesse contexto, um período de recessão econômica será sempre acompanhado por fatores impactantes como a redução dos lucros das empresas, maior desemprego e redução do consumo das famílias (PINHEIRO, 2016).

No Brasil a crise atinge todos os setores da economia, o que compromete o emprego e a renda da população. Desta forma os investimentos, tanto públicos quanto privados vêm diminuindo, assim como consumo. De acordo com a Federação das Associações Comerciais e de Serviços do Rio Grande do Sul – FEDERASUL, a desaceleração da atividade no comércio varejista levou o Rio Grande do Sul ao segundo pior desempenho entre os demais Estados, perdendo apenas para a Paraíba no *ranking* dos piores. A queda foi de 11,9%, passando de 3% positivos no ano de 2014, acima inclusive da *performance* brasileira, para um declínio de 8,9% nas vendas, em 2015. Trata-se do pior resultado desde que o índice passou a ser calculado pelo IBGE, no início dos anos 2000 (FEDERASUL, 2015) e, atingiu segmentos considerados de consumo básico, como supermercados, farmácias e perfumarias. Assim, a maioria dos setores é sensível aos prejuízos provenientes das mudanças ocorridas na economia brasileira e, estas afetam diretamente o comportamento da sociedade em geral, produzindo sentimentos de incerteza e receio no que diz respeito ao consumo de bens e serviços (PINHEIRO, 2016).

Em se tratando do comportamento financeiro, os brasileiros se mostram mais receosos neste momento. Para Mendonça (2015), em uma pesquisa realizada pela Associação Nacional das Instituições de Crédito, Financiamento e Investimento (ACREFI) em 2015, 84% da população estava disposta a mudar o seu padrão de consumo para sentir um impacto menor dos efeitos da crise no país. Os cortes nos gastos atingem o lazer com mais força (83%), o vestuário (77%) e a alimentação (76%), porém há um grupo menor de 12% que disseram não ter a intenção de mudar o padrão de gasto neste período. Neste cenário, é fundamental obter informações sobre a posição patrimonial e financeira, o resultado e o fluxo financeiro de uma entidade, os quais são úteis para uma ampla variedade de usuários na tomada de decisões. As demonstrações contábeis são uma representação monetária estruturada da posição patrimonial e financeira em determinada data e das transações realizadas por uma entidade no período findo nessa data. Evidenciam os resultados do gerenciamento, pela administração, dos recursos que lhe são confiados (IBRACON - NPC 27).

A análise de demonstrativos contábeis se caracteriza pela extração, transformação e condensação, utilizando-se diversas técnicas, de uma grande massa de dados em informações úteis e relevantes ao processo de decisão. Segundo Helfert (2000) é uma técnica bastante utilizada por acionistas, investidores, credores, agências governamentais e pela gerência com a finalidade de ajudar os responsáveis a tomar decisões acertadas, de investimento, operacionais ou de financiamento, em um contexto econômico relevante. A análise financeira



é relativa, e, somente por comparações históricas com outras empresas e com o setor, poderá indicar qual a real condição da empresa. Nenhum indicador é bom ou ruim isoladamente. A análise das demonstrações financeiras deve ser entendida dentro de suas possibilidades e limitações.

A análise das demonstrações financeiras comporta a análise da situação financeira e análise da situação econômica. Primeiramente, analisa-se a situação financeira da empresa e em seguida a situação econômica. Em seguida, juntam-se as informações dessas duas análises.

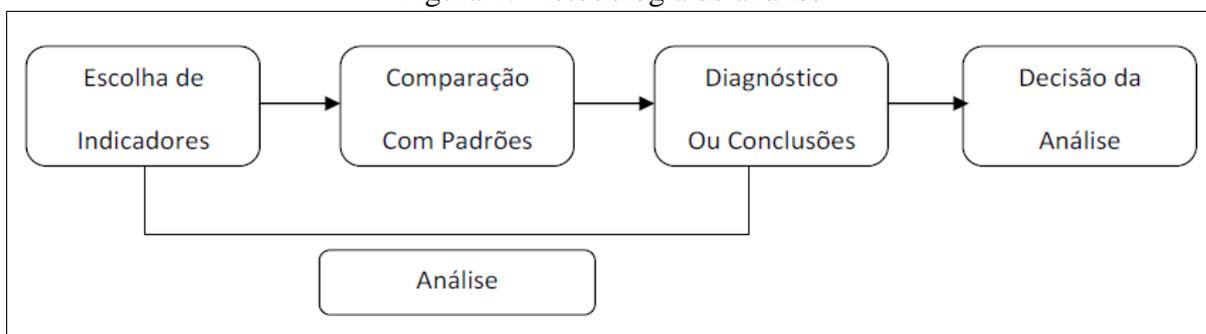
De acordo com Matarazzo (2010), um índice é a relação entre um grupo de contas das demonstrações financeiras que busca informar sobre a situação econômica e financeira da empresa. A fim de identificar as variações do patrimônio e possíveis falhas que podem estar ocorrendo em uma empresa, diferentes técnicas de análise das demonstrações contábeis podem ser utilizadas e, neste contexto, os índices são a técnica de análise mais empregada, uma vez que fornecem ampla visão da situação econômica ou financeira.

Desta forma, os índices dividem-se em índices para análise financeira (liquidez e de estrutura de capital, também denominado de índice de endividamento) e índices para análise econômica (rentabilidade) (MATARAZZO, 2010).

A análise de liquidez e de estrutura de capital envolvem os relacionamentos entre contas do balanço que refletem uma situação estática de posição de liquidez ou o relacionamento entre fontes diferenciadas de capital (IUDÍCIBUS, 1998). Estes são importantes na medida em que avaliam o equilíbrio financeiro da empresa e o grau de comprometimento perante seus credores. Por sua vez, os indicadores de rentabilidade exercem grandes influências quando a análise se projeta nos mercados de crédito e acionário.

Para a realização da análise das demonstrações financeiras Marion (2005), sugere etapas a serem seguidas conforme Figura 1.

Figura 1: Metodologia de análise



Fonte: Elaborado a partir de Marion (2005, p.44).

A análise das demonstrações financeiras pode ser dividida em três níveis: introdutório, intermediário e avançado. No nível introdutório são abordados indicadores básicos como os índices de liquidez, rentabilidade e de endividamento. No nível intermediário, é abordado além destes três índices, um conjunto de indicadores, por exemplo, indicadores de alavancagem financeira, de lucratividade e análise da DFC, entre outros. Por fim, no nível avançado, são utilizados uma série de indicadores e instrumentos para enriquecer as informações geradas (MARION, 2005).

Neste trabalho a ênfase será para a análise situada no nível introdutório, a qual contempla uma análise da situação financeira, através de uma análise vertical e horizontal, seguida dos índices de liquidez e endividamento, e uma análise da situação econômica, por meio dos índices de rentabilidade. Ainda, contempla uma análise do mercado de atuação de cada uma das empresas.



3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Pesquisar significa buscar ou procurar respostas. Cientificamente, pesquisar é a busca de solução a um problema que alguém queira saber a resposta. Assim, pode-se assegurar que a pesquisa é o caminho para se chegar ao conhecimento (KAUARK, MANHÃES, MEDEIROS, 2010).

De acordo com Migueles (2004, p. 89) metodologia de pesquisa é “um conjunto de métodos e de procedimentos de pesquisa que tem por objetivo coletar, sistematizar e organizar dados de forma válida e consistente, de modo a servir de base para a interpretação científica destes”. Portanto, pode-se afirmar que a metodologia é uma etapa única que procede de uma posição teórica e epistemológica, para a escolha de técnicas claras de investigação. Logo, depende dos princípios que o investigador acredita serem válidos, já que a forma metodológica será a sua ferramenta para analisar a realidade estudada.

Este trabalho quanto aos procedimentos trata-se de um a pesquisa bibliográfica aos relatórios de administração anuais e em seguida um estudo de caso onde foram investigados índices econômico-financeiros complementados com informações de mercado de três empresas situadas no estado do RS.

A pesquisa bibliográfica é realizada a partir do levantamento de referências teóricas já analisadas, e publicadas por meios escritos e eletrônicos, como livros, artigos científicos e páginas de *web*. Qualquer trabalho científico inicia-se com uma pesquisa bibliográfica, que permite ao pesquisador conhecer o que já se estudou sobre o assunto. Já o estudo de caso visa conhecer em profundidade o como e o porquê de uma determinada situação que se supõe ser única em muitos aspectos, procurando descobrir o que há nela de mais essencial e característico (FONSECA, 2002).

A escolha dessas empresas se deu de forma conveniente tendo em vista serem sociedades anônimas genuinamente gaúchas cuja representatividade nos setores que atuam é relevante para o estado. A primeira empresa é uma rede varejista que comercializa utilidades domésticas em geral, móveis e consórcios - atua na região sul do país, possui 260 lojas nos estados do Rio Grande do Sul (RS), Santa Catarina (SC) e Paraná (PR). A segunda empresa é uma distribuidora de medicamentos que conta com uma rede de Farmácias - a rede possui 347 lojas nos estados do RS, SC e PR. E, a terceira empresa é a líder no segmento de aços longos nas Américas e uma das principais fornecedoras de aços longos especiais no mundo, com mais de 45 mil colaboradores e operações industriais em 14 países.

4 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS

4.1 PRIMEIRA EMPRESA – REDE VAREJISTA

A Lojas C é uma rede varejista brasileira com sede na cidade de Farroupilha, Rio Grande do Sul. Foi fundada em 1959 por dois sócios, sendo um deles seu atual diretor-presidente. Com forte atuação no sul do país, possui mais de 260 lojas físicas nos estados do RS, SC e PR e dois centros de distribuição situados em Porto Alegre e Curitiba. Conta com uma frota própria de aproximadamente 150 caminhões, que fazem mais de 1.000 entregas diárias. A rede mantém um multicanal de vendas, incluindo lojas de rua, shoppings, tele vendas, vendas pelo celular e *e-commerce*. Além disso, é destaque no varejo de tecnologia, eletros e móveis no sul do país.

Os índices obtidos a partir das demonstrações financeiras nos anos 2013, 2014 e 2015 estão apresentados no Quadro 1.



Quadro 1 – Indicadores econômico-financeiros das Lojas C

ÍNDICE	2013	2014	2015
Liquidez Geral	1,45	1,49	1,72
Liquidez Corrente	1,55	1,60	1,74
Liquidez Seca	0,88	1,01	1,08
Capital Circulante Líquido (R\$)	179.310	245.196	236.497
Giro dos Estoques	4,71	4,85	5,02
Prazo Médio dos Estoques	76,47	74,30	71,74
Prazo Médio de Recebimento	55	71	70
Prazo Médio de Pagamento	76,21	85,68	61,65
Giro do Ativo	2,12	1,68	1,63
Índice de Endividamento Geral	55,84	51,01	43,95
Participação dos Capitais Próprios	0,44	0,49	0,56
Participação dos Capitais de Terceiros	1,26	1,04	0,78
Endividamento de Curto Prazo	0,91	0,85	0,81
Endividamento de Longo Prazo	0,09	0,15	0,19
Índice de Imobilização do Capital Próprio	0,43	0,49	0,44
Margem Bruta	24,88	25,78	26,69
Margem Operacional	3,90	5,24	4,00
Margem Líquida	3,01	3,54	2,92
Retorno do Ativo Total	0,06	0,06	0,05
Rentabilidade do Capital Social	21,58	24,43	18,57
Rentabilidade do Patrimônio Líquido	14,43	12,15	8,46

Fonte: Elaborado pelas autoras (2016).

A partir dos resultados observados no Quadro 1, juntamente com a análise vertical e horizontal pode-se destacar:

- queda de 14,88% no ativo circulante, reflexo da diminuição da receita (-7,81%);
- redução de 70% na soma do caixa e contas a receber de clientes; aumento em mais de 100% das vendas com prazo maior;
- melhora nos índices de liquidez e capital de giro em 2015.

A queda de ativos combinada com a diminuição da receita pode ser entendida como reflexo do momento econômico e à insegurança do consumidor em assumir novos compromissos. Quando estes são assumidos percebe-se o que a empresa tomou decisões de ampliação nos parcelamentos, o que demonstra maior flexibilidade no intuito de manter as vendas. Já a melhora na liquidez está atrelada ao resultado da gestão dos estoques e na melhoria da negociação com fornecedores.

Atrelada a estas observações o Relatório de Administração (2015) mostra este como um importante ano para o fortalecimento do posicionamento no mercado da região sul do país alinhado com as decisões estratégicas tomadas pela companhia. Com o desenvolvimento de ações de marketing direcionadas e a estruturação das lojas para melhor atender os clientes, consolidou-se frente aos desafios impostos para o segmento varejista e o país. Esses desafios impostos fortemente ao segmento de bens duráveis, originados pela instabilidade econômica e política, afetaram pilares importantes dentro do segmento, principalmente em termos de renda e crédito. Neste sentido, a companhia tomou decisões relevantes quanto a posicionamento de mercado e reestruturação operacional de loja e *back-office*, promovendo alterações durante o



ano. Como resultado dessas ações, manteve-se as vendas acima da média do mercado, apesar da sua redução se comparada ao exercício anterior, bem com um lucro líquido de R\$ 22.361 mil no exercício. Adicionalmente foram desenvolvidas ações na gestão de estoque e logística visando uma maior assertividade no processo de compra com menor volume estocado, bem como a redução dos custos de transporte. Atuando fortemente na gestão financeira do caixa, reduziu-se a necessidade de empréstimos e financiamentos contratados, obtendo uma melhora expressiva no resultado financeiro. Mesmo computado o movimento necessário de reestruturação, as despesas da companhia tiveram um aumento bem abaixo da inflação.

4.2 SEGUNDA EMPRESA – GRUPO FARMACÊUTICO

O Grupo D é formado por uma rede de farmácias, por uma distribuidora de medicamentos e por um laboratório. Atualmente, é uma das principais distribuidoras de medicamentos do Brasil, atuando nos três estados do sul do país. Sua origem se deu em 1967, quando as duas maiores redes de farmácias do RS se reuniram em uma *Joint Venture* fundando uma central de compras e logística para abastecer ambas as redes, bem como os demais clientes da região. Em 1969 criaram o laboratório L, e em 1973, acionistas das duas redes fundiram-se e criaram a rede de farmácias P, que iniciou sua expansão em 1977.

Os índices obtidos a partir das demonstrações financeiras nos anos 2013, 2014 e 2015 estão apresentados no Quadro 2.

Quadro 2 – Indicadores econômico-financeiros do Grupo D

ÍNDICE	2013	2014	2015
Liquidez Geral	1,35	1,28	1,33
Liquidez Corrente	1,68	1,76	1,71
Liquidez Seca	0,69	0,82	0,74
Capital Circulante Líquido (R\$)	170.221	219.782	224.275
Giro dos Estoques	5,47	5,40	4,98
Prazo Médio dos Estoques	65,84	66,61	72,22
Prazo Médio de Recebimento	28	35	34
Prazo Médio de Pagamento	42,41	45,20	49,21
Giro do Ativo	2,90	2,62	2,61
Índice de Endividamento Geral	53,84	56,72	54,72
Participação dos Capitais Próprios	0,46	0,43	0,45
Participação dos Capitais de Terceiros	1,17	1,31	1,21
Endividamento de Curto Prazo	0,78	0,71	0,76
Endividamento de Longo Prazo	0,22	0,29	0,32
Índice de Imobilização do Capital Próprio	0,59	0,63	0,60
Margem Bruta	21,95	22,23	22,74
Margem Operacional	4,95	4,31	4,57
Margem Líquida	3,23	2,62	2,28
Retorno do Ativo Total	0,09	0,07	0,06
Rentabilidade do Capital Social	24,73	18,98	15,35
Rentabilidade do Patrimônio Líquido	20,28	15,86	13,15

Fonte: Elaborado pelas autoras (2016).



A partir dos resultados observados no Quadro 2, juntamente com a análise vertical e horizontal pode-se destacar:

- aumento de 5,24% na receita líquida;
- aumento da margem bruta em 5%;
- não houve comprometimento do capital de giro, uma vez que os índices de endividamento não cresceram proporcionalmente.

O aumento da receita líquida está relacionado ao aumento no número de lojas, pois a rede expandiu suas operações, aliado a melhores condições logísticas e ao fortalecimento da marca. Assim, todos os investimentos realizados e o foco da empresa nas vendas de varejo apresentaram resultados. Como se observam nos relatórios, houveram importantes ações para gestão dos custos mesmo com elevados investimentos em novas lojas.

A partir destas observações e em consonância com as Demonstrações Financeiras Anuais Completas (2015) alguns fatores cabem ser ressaltados como a centralização da operação de distribuição em um novo centro localizado na região metropolitana de Porto Alegre, RS, resultando em maior produtividade no que se refere à logística. Ainda, destaca-se a abertura de 34 novas lojas, que contribuíram para a ampliação das vendas.

Assim, embora 2015 tenha sido um ano de crise econômica, em comparação com os anos anteriores houve aumento das vendas, melhores margens e melhores resultados da operação como um todo.

4.3 TERCEIRA EMPRESA – GRUPO SIDERÚRGICO

A empresa G S.A. é a líder no segmento de aços longos nas Américas e uma das principais fornecedoras de aços especiais do mundo. No Brasil produz aços planos e minério de ferro. Presente em 14 países, sendo eles nas Américas, na Europa e na Ásia também é a maior recicladora da América Latina e, no mundo, transforma, anualmente, milhões de toneladas de sucata em aço, reforçando seu compromisso com o desenvolvimento sustentável das regiões onde atua. As ações das empresas G estão listadas nas bolsas de valores de São Paulo, Nova Iorque e Madri.

Os índices obtidos a partir das demonstrações financeiras nos anos 2013, 2014 e 2015 estão apresentados no Quadro 3.

Quadro 3 – Indicadores econômico-financeiros do Grupo G

	2013	2014	2015
Liquidez Geral	1,40	1,37	1,23
Liquidez Corrente	2,51	2,66	2,82
Liquidez Seca	1,34	1,52	1,70
Capital Circulante Líquido (R\$)	10.940.592	12.909.943	14.314.467
Giro dos Estoques	4,09	4,22	4,47
Prazo Médio dos Estoques	88,11	85,34	80,46
Prazo Médio de Recebimento	37	38	38
Prazo Médio de Pagamento	33,91	31,15	33,26
Giro do Ativo	0,68	0,67	0,62
Índice de Endividamento Geral	45,00	47,25	54,39
Participação dos Capitais Próprios	0,55	0,53	0,46
Participação dos Capitais de Terceiros	0,82	0,90	1,19
Endividamento de Curto Prazo	0,28	0,26	0,21
Endividamento de Longo Prazo	0,72	0,74	0,79



Índice de Imobilização do Capital Próprio	0,67	0,67	0,73
Margem Bruta	12,88	12,08	9,85
Margem Operacional	6,91	6,81	-7,38
Margem Líquida	3,64	3,14	-10,55
Retorno do Ativo Total	0,03	0,02	-0,07
Rentabilidade do Capital Social	8,80	7,73	-23,88
Rentabilidade do Patrimônio Líquido	5,29	4,48	-14,38

Fonte: Elaborado pelas autoras (2016).

A partir dos resultados observados no Quadro 3, juntamente com a análise vertical e horizontal pode-se destacar:

- aumento de 7,23% no ativo;
- aumento de 5,04% nas despesas com vendas;
- aumento de 2,43% na receita líquida;
- redução de 11,76% nas despesas administrativas;
- aumento de 15% no índice de endividamento geral;
- aumento em mais de 30% na participação de capital de terceiros.

Estes observações refletem as ações que a empresa vem tomando no decorrer dos anos analisados, o que demonstra estratégias importantes de gestão dos custos. Evidencia-se a participação do capital de terceiros, resultado da busca por recursos externos para manutenção dos resultados já que as vendas de aço no ano de 2015 apresentaram leve redução em relação ao ano de 2014, devido, principalmente, à queda de demanda no mercado interno em função do menor nível de atividade da construção e da indústria, ocasionado pelas incertezas econômicas no Brasil.

Por outro lado, os volumes exportados mais que duplicaram em relação a 2014, devido às oportunidades no mercado internacional, aliadas a um câmbio favorável ao longo de 2015.

No ano de 2015, a companhia priorizou a geração de caixa livre positivo que totalizou R\$ 3,0 bilhões comparado com R\$ 1,9 bilhão em 2014, por meio da gestão de capital de giro, redução de custos, restrição de novos investimentos e controle da alavancagem financeira nas suas diferentes operações de negócios, mesmo diante de um cenário global de aço desafiador.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com a atual situação econômica do país, cenário de preocupações e incertezas, aliado à inflação alta, o momento não é favorável para algumas empresas e segmentos da economia. Diversas empresas divisam o mercado atual como um desafio a ser vencido, pois sofrem influências fortes relacionadas ao consumo em geral e estão mais suscetíveis aos impactos da crise (PINHEIRO, 2016).

A partir da análise das três empresas pertencentes a segmentos distintos percebe-se que o maior comprometimento relacionado à diminuição de ativos, aumento nas vendas a prazo vinculado a redução na receita está no segmento varejista. Para as Lojas C os resultados apresentaram significativos índices de comprometimento. Cabe aqui uma análise do segmento representado pela empresa, o comércio varejista de tecnologia, eletros e móveis, visto que o consumidor final espera melhores condições de compra para, então, investir em bens que não sejam essenciais.

Quanto ao Grupo D, atuante no segmento de medicamentos e ao Grupo G, atuante no segmento siderúrgico, suas operações não se mostraram comprometidas. Para o Grupo D, atuante no ramo de distribuição de medicamentos, o reflexo da crise econômica não foi tão perceptível porque se entende que a saúde é essencial para as pessoas, as quais não deixam de



adquirir medicamentos. Também, o Grupo Siderúrgico G, por ter considerável atuação em outros países, teve em suas operações no exterior, resultados que equilibraram seus balanços consolidados, visto que, em 2015, o dólar teve as mais altas cotações da história, em comparação com a moeda brasileira.

De acordo com os dados apresentados pode-se concluir que, mesmo diante de um cenário de crise econômica, é possível para uma empresa fazer o controle de seus custos, crescer e obter bons resultados. Faz-se necessário adotar estratégias que sejam compatíveis com o cenário onde esteja inserida, aliadas a objetivos de manutenção e/ou expansão de suas operações.

Neste contexto, o estudo das três empresas citadas neste trabalho mostrou que em períodos de crise econômica um dos setores da economia que é atingido de forma mais impactante é o setor varejista de bens considerados não essenciais. A população não realiza cortes profundos em alimentação ou medicamentos, por exemplo, mas não adquire móveis, eletrodomésticos ou equipamentos tecnológicos, deixando estas aquisições para um momento em que a economia se mostre mais favorável. Ainda, empresas que tem operações no exterior são extremamente beneficiadas quando exportam, devido ao câmbio favorável, ou tem condições de manter seus resultados equilibrados quando visualizam suas empresas de maneira consolidada.

REFERÊNCIAS

ASSAF NETO, Alexandre. **Finanças Corporativas e Valor**. São Paulo: Atlas, 2003.

COLOMBO. **Relatório da Administração**, 2015. Disponível em: <<https://www.colombo.com.br/>>. Acesso em: 28 abril 2016.

FEDERASUL. **Varejo: um 2015 para ser esquecido**. Disponível em: <<http://www.federasul.com.br/varejo-um-2015-para-ser-esquecido>>. Acesso em: 03 setembro 2016.

GERDAU. **Demonstrações Financeiras Anuais Completas**, 2015. Disponível em: <<https://www.gerdau.com.br/pt>>. Acesso em: 28 abril 2016.

FONSECA, João José Saraiva da. **Metodologia da pesquisa científica**. Fortaleza: UEC, 2002. Apostila.

GRUPO DIMED. **Demonstrações Financeiras Anuais Completas**, 2015. Disponível em: <<http://www.grupodimed.com.br/>>. Acesso em: 28 abril 2016.

IBRACON. **NPC7**. Disponível em: <<http://www.portaldecontabilidade.com.br/ibracon>>. Acesso em: 16 maio 2016.

ISTO É DINHEIRO. **Contra crise, Gerdau venderá mais ativos**. Disponível em: <<http://www.istoedinheiro.com.br/noticias/negocios/20160711/contra-crise-gerdau-vendera-mais-ativos/391938>>. Acesso em: 02 setembro 2016.

IUDÍCIBUS, Sergio de. **Análise de Balanços**. São Paulo: Atlas, 1998.

HELPERT, Erich A. **Técnicas de Análise Financeira: um guia prático para medir o desempenho dos negócios**. Porto Alegre: Bookman, 2000.



KAUARK, Fabiana da Silva; MANHÃES, Fernanda Castro; MEDEIROS, Carlos Henrique. **Metodologia da pesquisa: um guia prático**. 1 ed. Itabuna: Via Litterarum, 2010.

MARION, José Carlos. **Análise das Demonstrações Contábeis: contabilidade empresarial**. 3ª Ed. São Paulo: Atlas, 2005.

MATARAZZO, Dante C. **Análise Financeira de Balanços**. 5 Ed. São Paulo: Atlas, 2010.

MEDEIROS, Janine Fleith de; CRUZ, Cassiana Mariz Lima. **Comportamento do consumidor: Fatores que influenciam no processo de decisão de compra dos consumidores**, 2007. Disponível em: www.upf.com.br/cepeac. Acesso em: 03 setembro de 2016.

MENDONÇA, Camila. **Economia impacta consumo de 92% dos brasileiros**. Disponível em: <http://www.portalnovarejo.com.br/index.php/gestao/item/12521-economia-impacta-consumo-de-92-dos-brasileiros>. Acesso em: 22 agosto de 2016.

MIGUELES, Carmen. **Pesquisa: por que administradores precisam entender disso?** Rio de Janeiro: E-Papers Serviços Editoriais, 2004.

NOGUEIRA, Nuno. **O que é uma recessão econômica?** Disponível em: <https://www.portal-gestao.com/artigos/6594-o-que-%C3%A9-umarecess%C3%A3o-econ%C3%B3mica.html> Acesso em: 22 agosto 2016.

PESQUISA MENSAL DE EMPREGO - PME. **Taxa anual de desemprego**. Disponível em: <http://br.advfn.com/indicadores/pme>>. Acesso em: 31 maio 2016.

PINHEIRO, Ana Flávia Andrade. A interferência da crise econômica no comportamento do consumidor, em relação aos pequenos comércios locais. **South American Development Society Journal**. Vol. 2, Nº. 5, 2016. Disponível em: <file:///C:/Users/Usu%C3%A1rio/Downloads/47-65-1-PB.pdf>>. Acesso em: 03 setembro 2016.

SILVA, José Pereira da. **Análise financeira das empresas**. São Paulo: Atlas, 2001.

